

Reação contra os subsídios preocupa Senado

O clima de preocupação dos parlamentares com a repercussão de seus subsídios foi demonstrado ontem, no Senado, quando Jarbas Passarinho (PDS-PA) contou que durante uma viagem aérea de São Paulo para Brasília foi interpelado por passageiros e Cid Carvalho (PMDB-CE) condenou a "deduração de colegas, desprovidos de bom comportamento moral".

Carlos Alberto (PTB-RN) acha que existe uma campanha fascista da imprensa, Aureo Mello (PMDB-AM) propôs uma melhor legislação para disciplinar "comerciantes que se dizem proprietários da opinião pública" e Ronan Tito (PMDB-MG) citou Disraeli e Shakespeare para provar que os políticos são as vítimas de sempre.

ESCÂNDALO

O debate, que durou quase duas horas, teve dois tempos. No primeiro, Ronan Tito enfatizou a campanha orquestrada contra o Congresso e frisou que tem um filho dirigindo uma fazenda e outro uma destilaria, mas que se colocasse um deles em seu gabinete, mesmo que fosse concursado e tivesse inúmeras qualidades, seria acusado de nepotismo.

Em aparte, o senador Jarbas Passarinho observou que na última quinta-feira, quando vinha de São Paulo, foi interpelado por alguns passageiros que protestavam contra os altos subsídios dos parlamentares. Poderia ter frisado que não votara o último aumento, mas preferiu mostrar-lhes que outros organismos públicos — Banco Central, Banco da Amazônia e Petrobrás — pagam muito mais, o que também acontece na empresa privada.

Os seus companheiros de vôo estavam supondo que os parlamentares ganhavam muito mais (com o último aumento, NCz\$ 7.757,00) e lhe deram uma certa razão. A seu ver os parlamentares são mal pagos porque têm, sempre, despesas adicionais de ajuda aos eleitores. O que não admite, porém, é que os assíduos e trabalhadores recebam igual aos que não comparecem, e, com isso, prejudicam a imagem do político.

SEGUNDO TEMPO

Cerca de uma hora depois o senador Carlos Alberto retomou o tempo para explicar que não despreza a atividade de plenário, mas evidentemente o parlamentar tinha muitas outras atividades e não podia ficar circunscrito a ele. Fora nesse sentido que dissera não ser um "senador estudante da escola de d. Marinhoquinhas".

Em aparte, Aluizio Bezerra (PMDB-AC) comentou que os políticos têm de agir em suas bases, sem o que são criticados, e não podem, em consequência, ficar o tempo todo em Brasília. O melhor seria a adoção de um sistema como o francês ou inglês em que há períodos para atividade legislativa e outros para que o parlamentar esteja em suas bases.

Cid Sabóia de Carvalho lembrou que vereadores de algumas capitais e todos os deputados estaduais ganham mais do que os senadores e deputados federais, porém é contra estes que fazem uma campanha sistemática. Para aprovar o último aumento, com a revogação de um decreto legislativo, teve de haver acertos políticos para votar antes ou aquela proposição, como se os congressistas estivessem praticando uma ilicitude.